



**X Congresso Português de Sociologia**  
*Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo*  
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

**Secção/Área temática: Sociologia do Consumo**

## **O consumo de NSP em Portugal**

### *NPS use in Portugal*

**HENRIQUES, Susana;** Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) / Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL) e Universidade Aberta

**SILVA, Joana Paula;** Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) / Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL)

#### **Resumo**

Novas Substâncias Psicoativas (NSP) representam um grupo de substâncias que tem crescido rapidamente e cujos mercados têm beneficiado do desenvolvimento tecnológico. EMCDDA define-as como “substâncias naturais ou sintéticas que não são controladas pelos organismos oficiais e frequentemente visam mimetizar os efeitos das substâncias controladas”. Na metodologia usou-se um questionário aplicado presencialmente em contextos recreativos e online, em sítios e fóruns com temática relacionada com substâncias psicoativas. Aqui caracterizamos os consumidores portugueses de NSP quanto às substâncias, padrões de uso e contextos de consumo. Os resultados demonstram que os alucinogénicos, os estimulantes e os canabinoídes são os tipos de NSP mais consumidos. Os principais contextos de consumo são os contextos recreativos, a própria casa ou a de amigos. Concluindo destacam-se alguns aspetos relacionados com as particularidades destes consumos, especialmente no que se relaciona com o papel das tecnologias na relação com as substâncias, entre consumidores e com os mercados.

Palavras-chave: Novas Substâncias Psicoativas (NSP); Padrões de uso; Contextos de consumo; Mercados

#### **Abstract**

Novel Psychoactive Substances (NSPs) represent a rapidly growing group of substances whose markets have benefited from technological development. EMCDDA defines them as "natural or synthetic substances which are not controlled by official bodies and are often intended to mimic the effects of controlled substances". In the methodology, a questionnaire was used face-to-face in recreational contexts and online in sites and forums with subjects related to psychoactive substances. Here we characterize the Portuguese consumers of NSP as to the substances, usage patterns and consumer contexts. The results show that hallucinogens, stimulants and cannabinoids are the most commonly consumed NSP types. The main contexts of consumption are the recreational contexts, the own home or friends' home. In conclusion, some aspects related to the particularities of these consumptions are highlighted, especially the role of technologies in the relationship to substances, between consumers and with markets.

Keywords: Novel Psychoactive Substances (NPS); Patterns of use; Contexts of consume; Markets

XAPS18468



## **Introdução**

Novas Substâncias Psicoativas (NSP) correspondem a um grupo de substâncias que tem crescido rapidamente. O European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction define-as como substâncias naturais ou sintéticas que não são controladas pelos organismos oficiais e frequentemente visam mimetizar os efeitos das substâncias controladas (EMCDDA 2006). Esta definição remete para o aparecimento rápido e em grande número de novos componentes, naturais e sintéticos, não regulamentados, que são disponibilizados em lojas virtuais ou físicas, com a indicação de ‘legal highs’ ou ‘not for human consumption’. O desenho destas novas substâncias visa contornar o controlo legal das drogas e, conseqüentemente desafia as abordagens de monitorização e as respostas existentes aos níveis da prevenção, do tratamento, da redução de riscos e minimização de danos (EMCDDA, 2011).

Trata-se, pois, de um grupo de substâncias heterogéneas (fenetilaminas, triptaminas, catinonas e canabinóides sintéticos) cuja classificação não é consensual (Zawilska & Andrzejczak, 2015), mas que se podem enquadrar na tipologia das substâncias convencionais canabinóides (ex. spice), estimulantes (ex. catinonas sintéticas), alucinogénicas (ex. sálvia) e depressoras (ex. MT-45) (Henriques & Silva, 2016).

As NSP trouxeram para o debate político e científico, novos conceitos e ideias sobre o consumo de substâncias, os contextos de consumo e os mercados muito impulsionados transversalmente pelo desenvolvimento tecnológico. Ou seja, no contexto das atuais sociedades em rede a dimensão virtual das interações relacionadas com as práticas associadas às substâncias, que vão desde a partilha de experiências até às trocas comerciais, tem vindo a acentuar-se e a assumir um papel incontornável na investigação, na intervenção e na ação política (EMCDDA, 2018).

A tomada de consciência da dimensão global das NSP e do potencial de risco associado levou à tomada de medidas políticas no sentido do controlo. Em Portugal, coexistindo com o modelo de descriminalização de 2001, foi publicado o decreto-lei nº 54/2013 de 17 de Abril com a Portaria 154/2013 em anexo, tornando ilegais 159 novas substâncias e levando ao encerramento dos pontos de venda de NSP conhecidos como “smartshops”. Este diploma legal define Novas Substâncias Psicoativas como aquelas que, mesmo não sendo especificamente enquadradas e controladas por legislação, podem constituir uma ameaça para a saúde pública, de onde resulta a proibição de produção, venda, importação, exportação, distribuição, disponibilização, publicidade ou posse (Henriques, Silva & Hsu, 2018; Henriques & Silva, 2016).

O projeto europeu *New Psychoactive Substances: transnational project on different user groups, user characteristics, extent and patterns of use, market dynamics and best practices in prevention* integrou seis países – Holanda, Alemanha, Polónia, Hungria, Irlanda e Portugal (CIES-IUL). Pretendia-se aqui caracterizar os consumidores, os padrões e contextos de consumo e ainda tentar perceber as lógicas associadas aos mercados<sup>i</sup>. Neste artigo apresentamos os dados que permitem contribuir para o conhecimento sobre a situação em Portugal.

### **Enquadramento teórico**

*The Spice Phenomenon* (EMCDDA, 2009) é um fenómeno emergente com expansão sobretudo na Europa, com impactos já percebidos como “sérias ameaças para a saúde individual e pública” (EMCDDA, 2018, p. 68). Embora se trate de um fenómeno relativamente recente e pouco conhecido, como temos vindo a referir, os trabalhos sobre consumos de substâncias psicoativas conferem uma base de conhecimento científico, que se revela imprescindível convocar para o entendimento do nosso objeto de estudo. Com base nestes estudos podemos identificar três eixos: consumidores, contextos e padrões de consumo e mercados.

O entendimento dos consumidores tende a surgir enquadrado por uma determinada (sub)cultura juvenil, que emerge num cenário de diversidade social e veicula formas plurais e alternativas de expressão (Carvalho, 2007). Em 1999, Amador Calafat e seus colaboradores lembravam a necessidade de ter especial atenção no que diz respeito às drogas sintéticas, pois já seria um fenómeno que se encontrava em constante expansão e faria parte da evolução normal da sociedade, principalmente em contextos recreativos. Assim, o consumo de drogas está socialmente associado a uma necessidade básica da maior parte do sector juvenil (Calafat *et al.*, 1999), já que estes procuram a “liberdade”, a diversão e o prazer imediato, a todo o custo.

Os consumidores das novas substâncias psicoativas traduzem comportamentos urbanizados e situam-se em contextos marcados pela urbanidade (Fernandes, 1998). Trata-se de cenários de ação, aliados a espaços com relativa visibilidade pública, o que os distingue da espacialidade oculta dos associados a outras substâncias – onde o exemplo mais extremo se situa nos “territórios psicotrópicos” da heroína. Daqui resulta um vasto conjunto de novos desafios, antigos e redefinidos, que exigem respostas adequadas e atuais. Destacam-se aqui os estudos sobre consumidores e consumos de

substâncias psicoativas em contextos festivos, remetendo para padrões de utilização ligados às escolhas dos atores (Calado, 2006; Calafat *et al.*, 1999; Carvalho, 2007; Henriques, 2003).

Nesta linha, importa ter em conta que o forte dinamismo das sociedades atuais afeta as práticas sociais dos indivíduos e manifesta-se numa diversidade de possibilidades de escolha, de estilos de vida e de ação, num clima de incerteza e risco (Giddens, 1994). Correr certos riscos, associados a um dado estilo de vida, é uma atitude genericamente aceite e valorizada. O “risco cultivado” surge assim associado aos jovens consumidores e remete para riscos voluntariamente corridos, associados a estilos de vida criativos (Henriques, 2003; Giddens, 1994). Este risco cultivado envolve três níveis de atitude: exposição voluntária ao perigo; consciência dessa exposição e expectativa de ultrapassar a situação (Giddens, 1994). Por último, importa ainda recordar que um dos critérios básicos para definir aquilo a que qualquer pessoa considera qualidade de vida é o entretenimento, a procura de “liberdade”, prazer imediato e lazer, sendo estes socialmente definidos como uma necessidade básica da maior parte do sector juvenil (Calafat *et al.*, 1999), conferindo-lhe especial necessidade de atenção e ação ao presente fenómeno. É também neste sentido que o uso de substâncias psicoativas entra na vida dos jovens. Contudo, a problemática das drogas não deve ser encarada como uma forma de violação ou rutura dos padrões de comportamento ditos normais, mas sim como uma “tentativa”, uma “forma” destes mesmos jovens se adaptarem a um estilo de vida e a um estado emocional, de acordo com as solicitações sociais (Calado, 2006; Calafat *et al.*, 1999, 2003).

Os padrões de consumo associados às NSP não são ainda muito conhecidos. A vasta gama de diferentes NPS leva-nos a presumir o envolvimento de várias intenções para o uso. Alguns estudos revelaram que a motivação para usar o NPS tende a girar em torno de circunstâncias externas, como preço, status legal, disponibilidade ou não-deteção em testes de rastreio. Outros sugerem que os consumidores são motivados por fatores internos, principalmente pela curiosidade, pelos efeitos agradáveis ou por facilitarem situações sociais (Corazza, Simonato, Corkery, Trincas, & Shifano, 2014; Measham, Moore, Newcombe, & Welch, 2010; Werse & Morgenstern, 2012; Winstock, Lawn, Deluca, & Borschmann, 2015). Também é provável que as motivações para o uso do NPS se sobreponham às motivações para o uso de drogas tradicionais. Uma revisão da literatura sobre motivações para o uso de drogas expôs vários outros incentivos recorrentes, como prazer, melhoria, capacidade de lidar com as situações (*coping*),

auto-afirmação, hábito e dependência, e autoconhecimento (Boys, Marsden, & Strang, 2001; Nicholson, Duncan, & White, 2002; Novacek, Raskin, & Hogan, 1991).

O mais recente relatório do EMCDDA (2018) identifica níveis elevados de produção de uma ampla gama de substâncias na Europa, portanto, uma produção mais próxima dos mercados de consumo. Os progressos tecnológicos facilitam este desenvolvimento, para além de assegurarem a ligação entre produtores e consumidores de droga europeus e os mercados globais através da Internet de superfície e da Internet oculta (*darknet*).

“Atualmente, as vendas em linha são baixas em comparação com o mercado geral de drogas ilícitas, mas parecem estar a aumentar. Embora a atenção esteja frequentemente centrada nos mercados privados, também se constata que, para as novas substâncias psicoativas e os medicamentos usados indevidamente, as redes sociais e a Internet «de superfície» poderão ser igualmente importantes” (EMCDDA, 2018, p.12).

## **Metodologia**

O desenho metodológico do projeto contemplou um questionário elaborado pela equipa de investigadores e aplicado, durante os primeiros 10 meses de 2016, presencialmente em contextos recreativos e junto de consumidores problemáticos e aplicado online, em sítios e fóruns cuja temática dominante se relaciona com as substâncias psicoativas. Importa clarificar a tipologia de consumidores de NSP, i) Consumidores problemáticos, entendidos como aqueles que têm padrões de consumo de alto risco, quer pelo tipo de substância – como opióides, crack(cocaína) e/ou (met)anfetaminas – quer pela forma de uso – intravenoso ou inalado; são geralmente desempregados, sem-abrigo ou institucionalizados. ii) Consumidores em contextos recreativos, correspondendo ao grupo dos que frequentam clubes, raves e/ou outros festivais, tendem a ser estudantes e/ou profissionalmente ativos. iii) Finalmente, os consumidores em comunidades online, corresponde ao grupo do que são muito ativos na internet e participam ativamente em fóruns sobre drogas (Benschop, *et al.*, 2018).

Face a estes grupos definidos, o contexto dos consumidores portugueses de NSP revelou algumas particularidades. Desde logo o facto de ter sido difícil identificar consumidores problemáticos deste tipo de substâncias (Henriques, Silva & Hsu, 2017), ao contrário do que se verificou na Hungria e na Polónia onde este grupo se revelou particularmente expressivo (Van Hout, *et al.* 2017). Outro aspeto a destacar prende-se com o facto de em Portugal não existirem plataformas online especificamente dedicadas

a temáticas relacionadas com as substâncias psicoativas, o que também teve impacto no tamanho da amostra de consumidores em contextos virtuais em Portugal.

Finalmente, os consumidores em contextos recreativos foram aqueles com mais expressividade na amostra dos consumidores portugueses. Estes foram inquiridos face a face, por dois investigadores qualificados para o efeito, nos próprios contextos festivos<sup>ii</sup>. A recolha era sempre efetuada no início do evento, de forma a garantir que a recolha tinha o menor impacto possível na diversão dos inquiridos e, ao mesmo tempo, procurar garantir que estes não estariam ainda em estados muito alterados de consciência (o que comprometeria a fiabilidade das respostas).

Os inquiridos foram indivíduos portugueses ou residentes em Portugal, maiores de 18 anos e que tivessem consumido pelo menos uma NSP nos últimos doze meses. Naturalmente a participação era voluntária e, sempre que os indivíduos abordados mostravam pouca disponibilidade para responder naquele momento, recebiam um folheto com um link e um código que lhes permitia acederem ao questionário a partir de um dispositivo eletrónico com ligação à internet e preencher o questionário com mais calma e concentração. O código destinava-se apenas a situar o respondente no grupo dos consumidores recreativos e a controlar o número de respostas recebidas face ao número de folhetos distribuídos.

De seguida apresentamos a caracterização dos consumidores portugueses de NSP, os contextos e padrões de uso e contextos de consumo e os mercados.

## **Resultados**

Da aplicação do questionário resultaram 281 inquiridos, mais homens do que mulheres, com média de 20,8 anos (idades compreendidas entre os 18 e os 46 anos). A maioria dos consumidores inquiridos, 48%, tinha o ensino secundário, 34 % o ensino básico e 16% são doutorados. 67% declararam-se ativos no mercado de trabalho. Os consumos fazem-se sobretudo acompanhados, o que do ponto de vista da redução de riscos é um comportamento positivo.

Outros estudos têm vindo a evidenciar consumidores de NSP bem informados, com conhecimento e experiência com drogas em geral (Davey, Schifano, Corazza, & Deluca, 2012; Soussan & Kjellgren, 2014; Werse & Morgenstern, 2012).

Sobre os locais de consumo e, podendo indicar mais do que um, destacam-se os contextos recreativos (84%), os contextos privados da casa, própria ou de amigos (82%) e os espaços públicos, rua ou parque (38%). Os resultados mostram que, de um modo

geral, os alucinogénicos são o tipo de NSP mais consumido (64%), seguidos dos estimulantes (27%) e dos canabinóides (20%). Ao mesmo tempo a prevalência de consumo de substâncias dissociativas é baixo (Quadro 1). Estes dados são consistentes com os contextos de recolha, que remetem para dimensões sociabilidade, de interação recreativa.

**Quadro 1 – NSP consumidas (%)**

<b>Consumo / NSP %</b>	<b>Não, Nunca</b>	<b>Não nos últimos 12 meses</b>	<b>Sim nos últimos 12 meses, mas não nos últimos 30 dias</b>	<b>Sim nos últimos 30 dias</b>
Mistura de ervas	44,8	43,4	7,1	4,6
Canabinóides sintéticos	58	22,1	8,2	11,7
Estimulantes de marca	54,1	35,2	6,8	3,9
Estimulantes / Empatogénicos / Nootrópicos	6,4	19,2	11,7	4,6
Psicadélicas	23,1	12,5	35,6	28,8
Dissociativas	79,7	6,8	10	3,6
Outra	57,7	8,9	14,2	19,2

Tendo em conta a dificuldade existente em definir e identificar as NSP devido, como já referimos, à grande variedade, à velocidade com que surgem no mercado e à enorme capacidade de reconfiguração, era pedido aos inquiridos que identificassem exatamente a substância consumida. O Quadro 2 mostra que a maioria dos consumidores de mistura de ervas, canabinóides sintéticos, estimulantes de marca e estimulantes / empatogénicos / nootrópicos não o consegue fazer.

**Quadro 2 – Exata substância consumida (%)**

<b>Substância consumida %</b>	<b>Não sei</b>	<b>Sim, sei - exemplos</b>
Mistura de ervas	5,7	3,9 – Fidelmix, Xanga, Sativa
Canabinóides sintéticos	10	5,3 – JHW210, Bubellishes, Amnesia
Estimulantes de marca	4,6	3,6 – BK-MDMA, Kick, Euforia



Estimulantes / Empatogénicos / Nootrópicos	5,3	8,2 – Imogen, XTC, Adderall
Psicadélicas	6,4	54,8 – 2CB, Ayahuasca, 25I
Dissociativas	0,7	12,1 – MXE, Diphenidina, MXP
Outra	5	24,6 – 4ACO, Sálvia, 2CB-fly

Os modos de consumo preferenciais das NSP para os inquiridos são a ingestão (37%), o fumo (32%) e a inalação (25%). Contrariamente ao que acontece noutros países (Grund, *et al.* 2016), o consumo por injeção não tem expressão, o que poderá reforçar o facto de não termos identificado em Portugal consumidores problemáticos ou marginalizados de NSP (Van Hout, *et al.* 2017).

No que se refere aos mercados, a maioria dos inquiridos revela ter adquirido as NSP (69%). Esta compra é feita preferencialmente a um *dealer* particular (33%) ou um amigo (31%). O EMCDDA no seu mais recente relatório apontam uma tendência crescente das vendas de droga na União Europeia através da *darknet* (2018). Nos dados que estamos a analisar referentes a Portugal encontramos uma fraca expressão da internet enquanto mercado de NSP (11%). No entanto, ao tentarmos perceber de que forma eram feitas estas aquisições na internet, a maioria dos inquiridos (6%) diz recorrer à *darknet*. Trata-se de uma rede acessível apenas com *software* especial (por exemplo, o navegador TOR) e com configurações e autorizações especiais e que usa protocolos de comunicação não padronizada ou encriptada. A própria natureza deste tipo de redes exige competências específicas aos seus utilizadores e torna particularmente difícil a identificação e rastreio ou mapeamento da informação que aí circula (Pompidou Group, 2013).

## Conclusões

Este estudo pretende ser um contributo para o conhecimento das novas substâncias psicoativas, designadamente, destacando alguns aspetos relacionados com as particularidades destes consumos, especialmente no que se relaciona com o papel das tecnologias na relação com as substâncias, entre consumidores e com os mercados.

Os resultados indicam que entre os consumidores portugueses que frequentam espaços recreativos noturnos e espaços virtuais, as principais NSP consumidas são as de tipo alucinogénicas e com menor expressão as de tipo estimulante (27%) e os

canabinóides sintéticos (20%). No entanto, importa termos presentes que alguns inquiridos revelaram dificuldades na identificação das NSP e dos seus componentes.

Em termos de desenvolvimentos futuros da investigação, há que aprofundar a exploração dos dados recolhidos, permitindo outras análises e enfoques. Por exemplo, as diferenças entre os grupos de consumidores, em ambientes recreativos e em ambientes virtuais. Para além disso, será importante dar continuidade à investigação sobre a temática das NSP no sentido de identificar tendências de alteração consonantes e dissonantes com as identificadas nos estudos e relatórios europeus. Para tal, importa desenvolver desenhos metodológicos mais complexos, combinando técnicas intensivas de recolha de dados e estratégias de acesso às interações na *darknet*.

Resta sublinhar que a necessidade de produção de conhecimento a partir da investigação está identificada no Plano Nacional para a Redução dos Comportamentos Aditivos e das Dependências 2013-2020 (SICAD, 2013).

## Notas

<sup>i</sup> Para mais detalhes sobre este estudo consultar Korf *et al.* (2019), Werse *et al.* (2018), Van Hout, *et al.* (2017).

<sup>ii</sup> Os contextos recreativos onde foi realizada a recolha de informação foram desde festas, a festivais, a clubes e discotecas, bares...

Por decisão pessoal, as autoras do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico

## Referências

Benschop, A.; Bujalski, M.; Dabrowska, K.; Demetrovics, Z.; Egger, D.; Felinczi, K.; Henriques, S.; Kalo, Z.; Kamphausen, G.; Korf, D. J.; Nabben, T.; Silva, J. P.; Van Hout, M. C.; Werse, B.; Wells, J.; Wiczorek, L.; Wouters, M. (2017). *New Psychoactive Substances: transnational project on different user groups, user characteristics, extent and patterns of use, market dynamics, and best practices in prevention – final report*, Project funded by the European Commission (HOME/2014/JDRU/AG/DRUG/7077)

Boys, A., Marsden, J., & Strang, J. (2001). Understanding reasons for drug use amongst young people: A functional perspective. *Health Education Research*, 16, 457–469. <http://dx.doi.org/10.1093/her/16.4.457>

Calado, V. (2006). *Drogas Sintéticas. Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço*, Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicoddependência.

- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M., Antilla, A., Arias, R., Bellis, M., Bohrn, K., Fenk, R., Hughes, K., Kersch, A., Kokkevi, A., Kuussaari, K., Leenders, F., Mendes, F., Simon, J., Spyropoulou, M., Wijngaart, G., Zavatti, P. (2003). *Enjoying the nightlife in Europe. The role of moderation*. Palma de Maiorca: IREFREA.
- Calafat, A., Bohrn, K., Juan, M., Kokkevi, A., Maalsté, N., Mendes, F., Palmer, A., Sherlock, K., Simon, J., Stocco, P., Sureda, M<sup>a</sup>. P., Tossmann, P., Wijngaart, G. & Zavatti, P. (1999). *Night Life in Europe and Recreative Drug Use*. Sonar 98, Palma de Maiorca: IREFREA.
- Carvalho, M. C. (2007). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meios festivos*. Porto, Campo das Letras.
- Corazza, O., Simonato, P., Corkery, J., Trincas, G., & Shifano, F. (2014). "Legal highs": Safe and legal "heavens"? A study on the diffusion, knowledge and risk awareness of novel psychoactive drugs among students in the UK. *Rivista di Psichiatria*, 49, 89–94. <http://dx.doi.org/10.1708/1461.16147>
- Davey, Z., Schifano, F., Corazza, O., & Deluca, P. (2012). e-Psychonauts: Conducting research in online drug forum communities. *Journal of Mental Health*, 21, 386–394.
- EMCDDA (2018). *Relatório Europeu sobre Drogas 2018: Tendências e evoluções*, Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- EMCDDA (2011). *Report on the risk assessment of mephedrone in the framework of the Council decision on new psychoactive substances*. Luxemburgo: The Publications Office of the European Union.
- EMCDDA (2009). *Understanding the "Spice" phenomenon*. Luxemburgo: The Publications Office of the European Union.
- EMCDDA (2006). *Monitoring new drugs*, Luxemburgo: The Publications Office of the European Union.
- Fernandes, L. (1998). *O sítio das drogas*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta.

- Grund, J-P. C., Vavrincikova, L., Janikova, B., Fidesova, H., Miovsy, M. (2016). The Emperor's New Clothes? Findings from the NPSinEurope.eu Rapid Assessment and Response Study of Consumption of New Psychoactive Substances among People Who Use Drugs Heavily in Five EU Member States. *Adiktologie*, 16(2), 78–90.
- Henriques, S., Silva, J. P. & Hsu, K. (2018). Overview on new psychoactive substances in Portugal, *CIES e-WP*, Lisboa: CIES-IUL (ISSN: 1647-0893) – [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15377/1/WP%20CIES%20Henriques%20et%20al\\_2018.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15377/1/WP%20CIES%20Henriques%20et%20al_2018.pdf)
- Henriques, S. & Silva, J. P. (2016). Novas Substâncias Psicoativas (NSP): Políticas Públicas, Mercados e Espaços Invisíveis, in APS, *Portugal - território de territórios. Atas do IX Congresso Português de Sociologia*, Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. ISBN: 978-989-97981-2-0, [https://historico.aps.pt/ix\\_congresso/actas/actas1](https://historico.aps.pt/ix_congresso/actas/actas1)
- Henriques, S. (2003). *O universo do Ecstasy*. Azeitão: Autonomia 27.
- Korf, D., Benschop, A., Wersé, B., Kamphausen, G., Felvinczi, K., Dabrowska, K., Henriques, S., Nabben, T., Wiczorek, L., Bujalski, M., Kalo, Z., Hearne, E., Van Hout, M. C. (2019). How and where to find NPS users: a comparison of methods in a cross national survey amongst three groups of current users of new psychoactive substances in Europe. *International Journal of Mental Health and Addiction*
- Measham, F., Moore, K., Newcombe, R., & Welch, Z. (2010). Tweaking, bombing, dabbing and stockpiling: The emergence of mephedrone and the perversity of prohibition. *Drugs and Alcohol Today*, 10, 14–21. <http://dx.doi.org/10.5042/daat.2010.0123>
- Nicholson, T., Duncan, D. F., & White, J. B. (2002). Is recreational drug use normal? *Journal of Substance Use*, 7, 116–123. <http://dx.doi.org/10.1080/14659890209169340>
- Novacek, J., Raskin, R., & Hogan, R. (1991). Why do adolescents use drugs? Age, sex, and user differences. *Journal of Youth and Adolescence*, 20, 475–492. <http://dx.doi.org/10.1007/BF01540632>

- Pompidou Group. (2013). *Drug related cybercrime and associated use of the Internet*. Strasbourg: Pompidou Group, Council of Europe. Retrieved from [http://www.coe.int/T/DG3/Pompidou/Source/Documents/P-PG-\(2013\)4Cybercrime-internet.pdf](http://www.coe.int/T/DG3/Pompidou/Source/Documents/P-PG-(2013)4Cybercrime-internet.pdf)
- SICAD (2013). Plano Nacional para a Redução dos Comportamentos Aditivos e das Dependências 2013-2020, Lisboa: SICAD
- Soussan, C., & Kjellgren, A. (2014). Harm reduction and knowledge exchange – A qualitative analysis of drug-related Internet discussion forums. *Harm Reduction Journal*, 11 <http://dx.doi.org/10.1186/1477-7517-11-25>
- Van Hout, M. C.; Benschop, A.; Dąbrowska, K.; Demetrovics, Z.; Felvinczi, K.; Hearne, E.; Henriques, S.; Kaló, Z.; Kamphausen, G.; Korf, D.; Silva, J. P.; Wieczorek, Ł.; Werse, B.; Bujalski, M. (2017). Health and Social Problems Associated with Recent Novel Psychoactive Substance (NPS) Use Amongst Marginalised, Nightlife and Online Users in Six European Countries, *International Journal of Mental Health and Addiction*, 1-16. <https://doi.org/10.1007/s11469-017-9824-1>
- Werse, B., Benschop, A., Kamphausen, G., van Hout, M. C., Henriques, S., Silva, J. P., Dąbrowska, K., Wieczorek, L., Bujalski, M., Felvinczi, K., Korf, D. (2018). Sharing, Group-Buying, Social Supply, Offline and Online Dealers: how Users in a Sample from Six European Countries Procure New Psychoactive Substances (NPS). *International Journal of Mental Health and Addiction*
- Werse, B., & Morgenstern, C. (2012). How to handle legal highs? Findings from a German online survey and considerations on drug policy issues. *Drug and Alcohol Today*, 12, 222–231. <http://dx.doi.org/10.1108/17459261211286636>
- Winstock, A. R., Lawn, W., Deluca, P., & Borschmann, R. (2015). Methoxetamine: An early report on the motivations for use, effect profile and prevalence of use in a UK clubbing sample. *Drug and Alcohol Review*. <http://dx.doi.org/10.1111/dar.12259>
- Zawilska, J. & Andrzejczak, D. (2015). Next generation of novel psychoactive substances on the horizon – A complex problem to face, *Drug and Alcohol Dependence*, 157.